

## Dias perfeitos - o momento exato



Por **JOSÉ FERES SABINO\***

*Considerações sobre o filme dirigido por Wim Wenders*

### 1.

Enquanto planta uma árvore ressequida, um pai conta ao filho que, há muito tempo, um monge, que vivia num mosteiro ortodoxo, plantou uma árvore estéril no alto de uma montanha. O monge diz ao pupilo que ele deveria regá-la todos os dias até ela ganhar vida. O jovem aceita a incumbência e todos os dias, bem cedo, enchia um balde, subia a montanha e regava a árvore seca.

Repetiu o gesto durante três anos. Quando, certa manhã, o jovem subiu a montanha, encontrou a árvore cheia de folhas novas. O pai repete então o que, vez ou outra, diz a si mesmo: “se cada um fizesse todos os dias o mesmo ato, como um ritual, todos os dias exatamente a mesma hora, o mundo mudaria”.

Essa é uma das cenas de abertura do filme *O Sacrifício* (1986), de Andrei Tarkovsky. E creio que, no filme *Dias perfeitos* (2023), de Wim Wenders, há algo desse ritual e desse gesto presente tanto no personagem Hirayama (Koji Yakusho) quanto no realizador do filme.

Wim Wenders, numa entrevista ao jornal *The Guardian*, afirmou que todos os seus filmes se ocupam da questão “como viver?”, e, ao reagir ao comentário do jornalista – o de que Hirayama contrasta com os desassossegados personagens dos filmes *Alice nas Cidades* (1974) e *Paris, Texas* (1984), Philip Winter e Travis Henderson respectivamente – responde que nesses filmes os personagens procuram uma resposta a essa pergunta; em *Dias Perfeitos*, porém, Hirayama não está procurando, pois já vive como se deve.

Talvez três gestos de Hirayama – um limpador de banheiros públicos, que realiza seu trabalho com verdadeiro esmero – marquem seu modo de vida: olhar para o céu antes de sair de casa, levar a vida compassada pelo movimento da natureza e contemplar tudo o que está a seu redor. Situado e observando o momento presente, Hirayama está em relação permanente com as coisas e os seres.

A personagem lembra a figura do sábio estabelecida pelas filosofias da antiguidade: estar aberto tanto ao que o instante lhe oferece quanto a sensação de que sua existência faz parte de algo maior que ele próprio.

### 2.

# a terra é redonda

A vida de Hirayama, que mora sozinho num minúsculo apartamento na cidade de Tóquio, está reduzida ao consumo essencial, à intimidade necessária e ao compartilhamento de rituais (almoça sempre no mesmo restaurante, toma banho em banheiros públicos, compra livros em sebos). Em tudo o que faz, sua presença está inteira. E não pense que a atitude de Hirayama perante a vida seja a da indiferença. Ao contrário, por não estar trancado na interioridade de si, ele não apenas está imerso no presente e em sintonia com o todo, como carrega consigo também a experiência da vida em comum (do bem comum).

Quando, por exemplo, a sobrinha, filha da irmã, uma senhora rica, foge de casa e o procura, ele a recebe em seu apartamento, apresenta seu mundo, convive com ela, mas “devolve” a menina ao mundo dela ao avisar a irmã de que a filha está em sua casa. Hirayama está em relação emotiva com os outros, mas jamais perde o eixo da vida.

Durante sua jornada de trabalho, Hirayama sempre procura, em meio a metrópole, um jardim ou praça, onde possa fazer sua refeição do meio-dia.

Ao adentrar esses espaços, ele, mantendo a atenção ao momento presente (observa um mendigo, troca olhares com uma moça, colhe um broto de planta), também fotografa, com câmera analógica, o exato momento do jogo de luzes e sombras que se dá quando as folhas das árvores balançam ao vento. A este exato momento – que só acontece uma única vez – a língua japonesa dá o nome de *Komorebi*.

Os sonhos de Hirayama – que aparecem em preto e branco, como as fotos que faz durante o dia – são experiências de *Komorebi*. (Todas as sequências de sonhos do filme foram concebidas e filmadas por Donata Wenders, esposa do diretor.)

No documentário, *Tokyo-Ga* (1985), uma homenagem ao cineasta japonês Yasujiro Ozu e um exercício meditativo sobre o cinema, Wim Wenders busca a imagem do humano que aparecia nos filmes do mestre Ozu, imagem que, com a chegada da modernidade ao Japão, começava a desaparecer. Nas bordas de Tóquio, ainda se vê aquilo que a câmera fixa de Ozu havia captado em seus filmes. (O jornalista José Geraldo Couto lembra que Hirayama é o nome do protagonista do último filme de Ozu, de 1962, que, no Brasil, recebeu o nome *A rotina tem seu encanto*.)

Wim Wenders insiste em procurar o homem que Ozu filmou – pois é o que ainda dá o sentido de realidade a uma imagem. Nisso, ele se distancia de Werner Herzog, que, de passagem pelo Japão, dá um depoimento, no filme *Tokyo-Ga*, do alto de uma torre de onde se avista a cidade de Tóquio.

Diz o diretor de *Aguirre, a Cólera dos Deuses* (1972): não é mais possível captar uma imagem transparente – uma imagem adequada à nossa civilização e à intimidade mais profunda do homem. Para encontrá-la, é preciso escavar como um arqueólogo. No entanto, os dois cineastas estão incomodados com a proliferação de imagens irreais, um lixo imagético que soterra a vitalidade humana.

Não só a proliferação de imagens soterra a vitalidade, mas o próprio padrão civilizatório ocidental, que cresce e produz compulsivamente, não cabe mais dentro da Terra. Somos filhos de uma civilização do excesso: excesso de objetos, de lixo, de calor, de poluição, de tagarelices, de irrealidade. A vida de Hirayama – que ele escolheu levar (entrevemos no diálogo com sua irmã que ele vem de uma família muito rica) – apresenta em sua simplicidade e dignidade um contraponto ao excesso.

Ao ver a vida brotar na tela, quem sabe o espectador não possa abrir uma fresta em si para que a pergunta – o que, de fato, o humano precisa para viver? – adentre seu ressequido íntimo e despeje uma comovida gota de lágrima.

**\*José Feres Sabino** é doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

## Referência

*Dias perfeitos* (Perfect Days).

Japão, 2023, 123 minutos.

Direção: Wim Wenders.

Roteiro: Takuma Takasaki, Wim Wenders.

Direção de Fotografia: Franz Lustig.

Elenco: Kōji Yakusho, Min Tanaka, Arisa Nakano, Tokio Emoto.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**